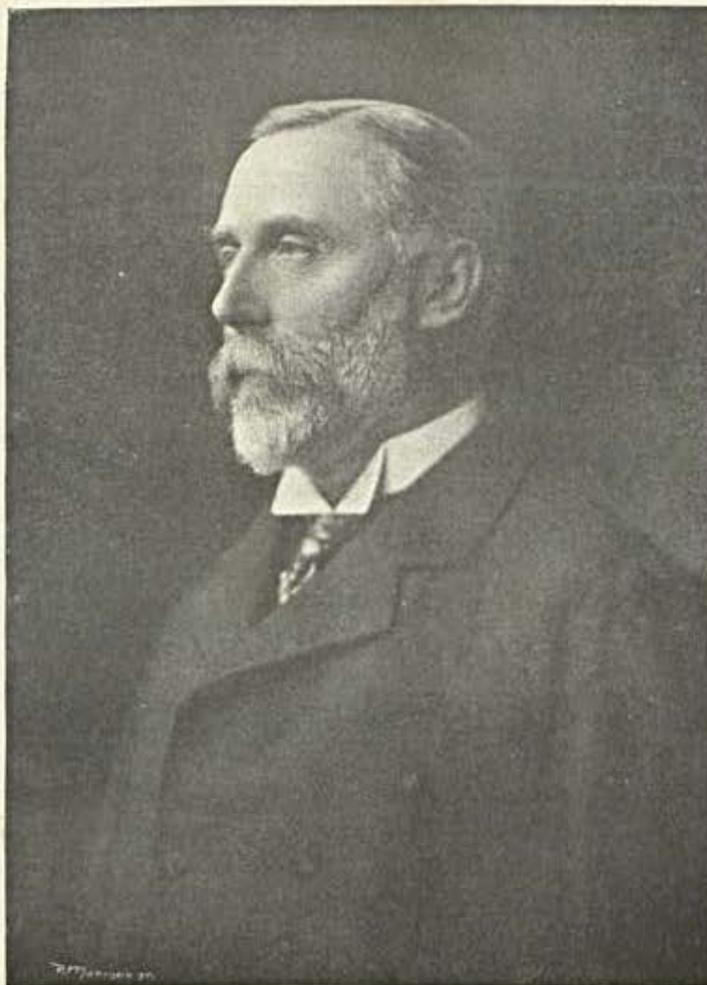


# BRASIL-PORTUGAL

1 DE MAIO DE 1905

N.º 151

## O novo Ministro de Inglaterra em Lisboa



SIR MAURICIO BUNSEN, Ministro Plenipotenciario de 1.ª classe

# CHRONICA

Lisboa teve, como poucas cidades catholicas, solemnidades religiosas de extraordinaria pompa. Ha um seculo ainda, a Quaresma lisboeta fazia a admiracao do estrangeiro. Era um desafio de egreja para egreja, de freguezia para freguezia, no ostentar de opulencias. A visita ás egrejas fazia-se de casaca e veneras. As orchestras eram, no Loreto e na Sé, incomparaveis. Não as havia melhores no Vaticano. A eloquencia dos pregadores tinha, a incitavel, auditorios numerosos, attentos e impressionaveis. As procissões succediam-se, quasi diariamente, desde quarta-feira de cinzas até sexta-feira de trevas. A nobreza acompanhava-as, empunhando as varas das irmandades, alcanço os guiões, rodeando o pallio. De manhã á noite os sinos tangiam, ou nos dobres funestos da paixão, ou nas alegrias da alleluia. Os frades, nos conventos, não chegavam para confessar os contrictos. A população sahia toda para a rua, correndo da Sé a S. Roque, do Loreto a S. Domingos, n'uma ancia soffrega de ouvir os sermões dos padres do Oratorio, os côros magoados das freiras, as missas de Palestrina, tocadas por musicos sublimes, cantadas por contractos e sopranos contractados na Italia. As ruas por onde passavam as procissões eram adornadas de damascos vermelhos, de tapeçarias, de colchas de setim, de cobertas franjadas de luzente oiro, de plantas aromaticas.

Hoje, não ha mais orchestras maravilhosas e cantores romanos no Loreto e na Sé Patrialchal. A irmandade do Senhor dos Passos da Graça é ainda composta de fidalgos. As procissões são ainda numerosas. A familia real vae ainda a S. Roque, em carros á Daumont, beijar o pé da milagrosa imagem. Mas a essas festas, falta a fé unanime, que alvoraçava a capital do reino nos tempos de D. Maria I. Esse delirio mystico, que juntava mil penitentas descalços atrás de cada andor, passou. A Quaresma não é mais, em Lisboa, o periodo das deslumbrantes cerimoniaes, que faziam a inveja dos nuncios e o orgulho da corte.

A vida moderna tornou impossiveis essas crenças profundas, que faziam ajoelhar o povo e os fidalgos á passagem do viatico e contagiavam toda a cidade da mesma exaltação religiosa, durante a santa semana. Mas se os aspectos d'essa crença variaram, se a sua grandeza impressionadora se amesquinhou, Lisboa ainda conserva o sentimento e a traddicional remeniscencia da festa sagrada, que foi a sua gloria christã.

E' preciso vel-a em sexta-feira de trevas para se sentir que alguma cousa ficou no fundo das almas d'essas exaltações piedosas. Sómente, os vestigios que ainda restam não podem mais comparar-se ao que se esvahiú. São os destroços de uma fé, as ruinas de uma grandeza, as sombras vagas de um quadro, outr'ora brilhante. As egrejas estão ainda de pé e conservam os seus thesouros, as suas regalias, os seus collegios de conegos mitrados, os seus priores, o seu patriarchado. A lisboeta ainda passeia de nave em nave os seus luctos, ainda faz a

sua peregrinação devota, de altar em altar. Mas essa crença ardente parece ter degenerado n'um preconceito social. Pelas ruas tristonhas, onde o commercio não abriu as lojas, uma população caminha, sem pressa, exhibindo o seu luto convencional. Um grande tedio, feito de milhares de bocejos, parece alastrar na cidade.

Apenas nas confeitarias, um ou outro riso de creança vibra no tristonho murmuro, como uma taça de crystal partida por um desastrado no momento solemne de um brinde. A vida da cidade parece suspensa, enquanto dura a commemoração da morte de Jesus. Não ha jornaes; não ha secretarias; não ha commercio; não ha theatros. Sem noticias



Semana Santa. — Em flagrante. — Pelas ruas

do mundo, sem boatos na Arcada, sem espectáculo no Colyseu, Lisboa tem um aspecto sisudo e embaraçado. No Largo das Duas Egrejas, em frente dos Martyres e do Loreto, os mesmos alfenins de 1840, terrivelmente romanticos nas suas sobrecasacas pretas, com fumo no chapéo, olham larguidamente as devotas. Por toda a parte, na torva tristeza, só o amor conserva a sua esperta chamma de desejos, atçada pelo-demonio, mesmo ás portas dos santuarios divinos.

E essa perseverante pratica do namoro, tão lisboeta, que mesmo nas egrejas recobertas de crepes, no anniversario da morte de um Deus, distrahe as mulheres e absorve os homens, é tudo quanto, em sexta-feira santa, fica da Lisboa de todo o anno, da Lisboa de todos os tempos.



# A proposito de Gorki

Confesso que nunca tinha lido a obra de Maximo Gorki. Estou desconfiado de que a grande maioria dos espiritos generosos que protestaram violentamente indignados contra a prisão do romancista russo se encontravam no mesmo grau de innocencia que eu. Ou mais innocentes ainda. Ao passo que eu sabia que Maximo Gorki era um dos novos que succederam, sem os substituirem, aos grandes mestres da litteratura russa — Gogol, Puchkin, Tolstoy e Dostoievsky — estou persuadido de que, das multidões que protestaram contra a perseguição do escriptor revolucionario, um por mil tinha conhecimento previo da sua existencia.

Na verdade o grito de alarme foi dado pelos socialistas allemães. O que os affligia não era decerto a prisão do escriptor, era a prisão do revolucionario. E tinham razão. Que Maximo Gorki escrevesse mais livros na prisão, ou fóra d'ella, seria completamente indifferente aos leitores. A elle é que talvez não. E mesmo se ficasse impossibilitado de escrever mais livros, não me parece que isso pudesse influir sensivelmente nos destinos do mundo.

Os socialistas allemães protestaram contra a prisão de Gorki. Os francezes, com a sua habitual leviandade, gritaram logo com elles e mais do que elles. Pelo menos gritaram n'uma lingua que todos nós percebemos. Ora em Portugal traduz-se tudo o que é francez. Traduz se o romance, a politica, a philosophia, e até a cosinha Porque a cosinha franceza que nós por ahí comemos é traduzida, e quasi sempre mal traduzida. Traduziu-se a indignação. E á frente do movimento poz-se logo a mocidade escholar fazendo ouvir a sua voz tão poderosa sempre — menos em dia de exame. Eu tambem fui mocidade escholar.

E com tudo isso, a victima não tinha muito de que se queixar. Esteve effectivamente algum tempo na prisão. Mas isso no meu tempo de rapaz acontecia em Lisboa a toda a gente. Ha coisa de vinte annos, as rivalidades amorosas liquidavam-se ao sopapo no salão de S. Carlos, durante os entre-actos. Do salão de S. Carlos passava-se para o calabouço do Governo Civil. A esse tempo não havia juiz de instrucção. Desde então a instrucção publica tem ficado na mesma, ou piorado. O que tem melhorado é a instrucção criminal. Outros, que o amor não levava aos calabouços policiaes, iam lá parar por causa dos tremoços ou dos ovos de farinha. Passava-se isso no En-

era menos grave do que fomentar uma revolução; e, apesar de ser menos grave, nós eramos victimas da tyrannia burocratica. E as academias não protestavam e a Europa occidental ficava indifferente. Já não fallo da oriental. Os paes, os tios e os primos mais velhos eram só quem se commovia, e iam de chapéu na mão ao Governo Civil pedir que nos restituissem á liberdade e á familia. E o Governador Civil porfim mostrava-se tão generoso como o Tsar, e punha-nos na rua. A differença é que nós depois d'isso passávamos por estroinas, ao passo que Maximo Gorki passa por martyr.

A verdade é que nunca escriptor conseguiu ter réclame mais barato.

Um dia o general Boulanger — ainda ha alguém que se lembre



Semana Santa. — Em flagrante. — A' porta da Sé

d'elle? — lembrou-se de galopar n'um cavallo preto que excitou o entusiasmo de certa parte do publico parisiense. Este publico entusiastico chamou-se *nacionalista*. E' uma linda denominação, perfeitamente innocente: não quer dizer absolutamente nada, de sorte que dentro d'ella pode-se ser absolutamente tudo, menos internacionalista. A Republica Franceza achou perigoso o partido, o general e o cavallo. E talvez fosse. O entusiasmo é sempre uma coisa perigosa. E' como a bebedeira. Ha quem tenha o vinho mau. Succede o mesmo com o entusiasmo. A Republica organisou um tribunal especial e illegal, e não podendo processar o partido, e não ousando executar o cavallo, fez condemnar o general, que era o mais innocente dos tres. Fez a Republica muito bem. Attacaram-a, defendeu-se. N'estas coisas de ataque e defeza, de revoluções e repressões, quem melhor as tem melhor as joga, e quem melhor as joga é que tem razão.

A mesma Republica expulsou do territorio patrio os representantes das antigas dynastias, e finalmente prohibiu as ordens religiosas. E no emtanto, nem os Principes nem os frades conspiravam. E, se manifestavam opiniões contrarias á Republica, é porque se fiavam no lemma de *liberdade* que as Democracias todas, e especialmente a franceza, afixam nas suas bandeiras. Ora a liberdade republicana é a liberdade que assiste aos cidadãos de serem republicanos. A tyrannia monarchica é a prohibição que peza sobre os subditos de não serem monarchicos. Assim é que, no espirito liberal de todos os democratas, a Republica Franceza fez muito bem e a Monarchia Russa faz muito mal. A primeira, benevola, permite a todos que a applaudam. Se não querem gozar d'essa liberdade amplissima, a culpa é d'elles, e põe os fóra da fronteira, embora elles não sejam reus de rebelião activa. A segunda, tyrannica, prohibe que o povo amotinado invada o palacio do despota e castiga sem piedade uns moços pyrotechnicos cujo innocente divertimento é fazer fogos de artificio com os Principes e os Ministros que passam de carruagem.

Não ha revoluções sinceras nem reformas vindas de baixo. O povo quer pão e dão-lhe eleições. Dizem-lhe então que participa no governo do paiz: e de facto elle participa como já participava antes — pagando impostos.

A revolução ingleza anti-catholica e politica teve por fim reivindicar para a *gentry* e a burguezia os seus antigos direitos politicos. O resultado foi a tyrannia de Oliver Cromwell, a abjecção do Longo Parlamento, a restauração de Carlos II e o catholicismo de James II. Foi Guilherme III, Principe de Orange e Rei de Inglaterra, quem deu ao povo inglez o *Bill of Rights*.

A revolução franceza deu o Directorio e o Terror. Substituiu o



Clichés Benoitel. Semana Santa. — Em flagrante. — A' porta da Sé

trudo. Não havia então Rei Carnaval. O Entrudo era uma republica. Mas isso fica para outra vez. O caso é que havia editaes do Governo Civil. Ninguém se importava com os editaes, nem mesmo o Governador Civil que os assignava, até que alguém se queixava. N'este caso ia o delinquento para os carceres da rua da Parreirinha. Ora tudo isto

bonacheirão Luiz XVI por Barras corrupto e Robespierre sanguinario. Tentou nivelar tudo pela altura dos hombros. Foi Napoleão, soldado, imperador e autocrata, quem com o seu código reformou de cima a baixo a sociedade franceza.

Ainda ha pouco na Camara dos Communs, o Sub Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, Lord Percy, fallando com uma sinceridade e um desassombro que revelam o material d'um estadista,



Semana Santa. — Em flagrante. — A' porta da Conceição Nova

declarou que na Turquia eram os revolucionarios quem impedia que se executassem as reformas. Provavelmente receiam que lhes estraquem o divertimento. Na Russia tambem hão de ser os revolucionarios que se hão de oppôr ás reformas politicas que o Imperador annunciou. Sejam ellas quaes forem, os revolucionarios hão de declamar que são illusorias, ou insufficientes, ou feitas de má fé.

Mas nós, espiritos generosos e nobremente sentimentaes, não nos soffre o animo que o povo russo não goze do regimen de liberdade em que felizmente vivemos. Não é só a voluptuosidade de votar que nos dá a delicia dos espasmos civicos. E' sobretudo a liberdade de que nós todos gozamos. E' a liberdade que tem o Ministro da Fazenda de gastar mil quando as Côrtes votam cem. E' a liberdade que tem o Governo de fazer dictadura quando lhe apetece, em vez de estar sujeito, como n'outros paizes atrazados, á tyrannia odiosa da Constituição. E' a liberdade que tem o Juiz de Instrucção Criminal de nos ter prêsos quanto tempo quizer. E' a liberdade que tem os philosophos suburbanos de impedir as procissões religiosas, absolutamente ordeiras e legaes. E' a liberdade que tem as donzellas de fazer quantos votos quizerem, menos o de castidade perpetua. E' a liberdade que tem os funcionarios publicos de não funcionar se lhes não apetece, e os contribuintes influentes de não pagarem contribuições, e os bebados de se emborracharem. E' sobretudo a liberdade ampla e completa, sem restricções humilhantes, a liberdade de cuspir onde quizer — apanagio do cidadão portuguez, soberano e livre.

E' esta liberdade que o Imperador e autocrata de todas as Russias, Tsar de Astrakan, da Polonia, da Siberia e da Cheronesa Taurica, sem fallar d'outros titulos sonoros como clarins na alvorada, é esta a liberdade que Sua Magestade Imperial tem de dar aos seus mujiks se quizer ter o applauso dos pensadores occidentaes. Quanto aos mujiks, applaudem-o sem nada d'isso. Talvez deixem depois de o applaudir.

Eu, pela minha parte, sou partidario do suffragio universal. E' uma questão de philantropia. O camponez, no dia em que dois ou tres figurões lhe pedem para deitar um certo papelucho n'um certo sitio (o ritual politico dá-lhe o nome de *Urna*) julga-se um homem importante. E' feliz. Faz a barba, põe camisa lavada e fato domingueiro, e parte solemne e digno para a assembléa eleitoral. *Bota*, como elle diz, bota o papel na urna. E de tal forma se apodera d'elle o symbolismo da soberania popular que afinal elle proprio se converte em urna — em urna de decilitros. Baccho vence a eleição. Uma eleição geral cada semestre resolveria a crise vinicola. Depois de praticado o rito, o elector, como os immortaes principios, não se pode ter nas pernas. Mas vae feliz, conscio da sua importancia, muito mais que do caminho para casa.

Mas pelos modos, o camponez russo, que ainda não provou do fructo prohibido, não deseja proval-o. Tolstoy, que conhece o mujik, affirmou o outro dia ao correspondente d'um jornal francez que algumas dezenas de milhares de individuos que reclamam reformas politicas são apenas uma fracção infinitesimal do povo russo no qual se incluem cento e vinte milhões de camponezes que não se importam com essas reformas e só pedem a nacionalisação da terra, e que esta não seja objecto de venda ou compra mas propriedade commum d'a-

quelles que a cultivam. E' esta a revolução que os intellectuaes preconizam?

Ora eu não sei bem o que são os intellectuaes. Supponho que são os que vivem do intellecto, em opposição aos que vivem do trabalho manual. Mas então são uma aristocracia. Vivem do intellecto em toda a parte os governantes.

Vivem as classes superiores e os cavalheiros de industria. A gatunice já pertence á classe do trabalho manual.

O que indigna os liberaes da Europa occidental é que o governo Russo não tenha mais consideração pelos *intellectuaes*. Tem sido preso muita gente na Russia, por conspirar. Ninguém se importa, a não ser os presos. Mas logo que se prendeu Maximo Gorki, protestaram todos os que tinham onde protestar. Porque era um *intellectual*. Pertencia á tal aristocracia em que é sacrilegio tocar. Que dizem a isso os analphabetos que em Portugal, como na Russia, constituem ainda a maioria da população?

Ha meia duzia de dias os jornaes de Paris revelaram a existencia d'um gabinete negro em França no periodo eleitoral. Os defensores da liberdade politica na Russia não mencionam esse caso alegre. Continuam a proclamar o triplo principio de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*.

Mas a Liberdade é sempre a mesma — é a liberdade que tem quem está de cima de bater em quem está debaixo.

A Igualdade existe perante as bombas que atiram igualmente pelos ares os Grã-Duques e os seus cocheiros e a parrelha de cavallos.

Quanto á Fraternidade consiste em substituir aos antigos Irmãos das confrarias, os *I.ª* da livre maçonaria. Em vez de serem irmãos por extenso, são irmãos abreviados.

Os napolitanos são o povo mais espirituoso do mundo. São espirituosos ao ponto de não dizerem que o são.

Ha uma canção napolitana, cujo estribilho é o seguinte:

*Liberté, Egalité*

*Levalo a te e damelo a me.*

Eu, que leio sempre todos os annuncios e sou uma victima dos réclames, li dois livros de Maximo Gorki depois que o governo Imperial da Russia, com a sollicita cooperação dos socialistas allemães e da imprensa franceza acolytada pela portugueza, lhe fizeram um reclame gratuito e engenhoso como não ha memoria de outro. E achei que o escriptor era muito superior á sua obra. Supponho que Maximo Gorki tem dois pés e consta que ainda lhe não cortaram a cabeça. As obras que eu li d'elle não tem pés nem cabeça. Vi n'ellas vagabundos, pescadores e camponezes discursando como philosophos ou como *roués*. As mulheres respectivas tem as seducções *savantes* das hetairas gregas e das antigas cortezãs de Roma. E no fim de contas descobri que a tyrannia russa dava ao povo oppresso — se não a liberdade de votar — a liberdade mais cara ao povo da minha terra, a liberdade de cuspir, que a Liga Nacional contra a tuberculose quer



Clichés Benoitel.

Semana Santa.

Um grupo aristocratico sahindo de S. Roque

tolher ao livre cidadão portuguez. E este cidadão livre, que já não tem a liberdade de fallar, se lhe tiram a liberdade de cuspir, para que lhe serve a bocca? Para comer, é preciso ter que comer. Tão precisa é a libere para fazer o *civet* como para o comer.

Mas pode o cidadão bocejar á vontade.

No fim de contas em tudo isto ha uma coisa só a lamentar: é que não se faça em nome da Liberdade e da Igualdade um reclame a

Tamburini como se fez a Gorki. Tamburini era capitão reformado, fazia uma suspeita collecção de uniformes e convidava para uma conspiração, que nunca se effectuou, pessoas que o iam denunciar. Gorki, mais pratico e menos capitão reformado, incitava o povo russo á revolução que ainda hoje anda á solta pelas ruas de varias cidades russas. E' verdade que as tropas do tyranno russo mataram mais revolucionarios em S. Petersburgo do que as tropas da Republica Franceza mataram de grévistas em Limoges. Mas tambem S. Petersburgo é maior que Limoges. Gorki teve pendente sobre a sua cabeça uma sentença de morte. Tamburini é accusado de conspiração contra a segurança do Estado, crime que o Codigo Penal francez pune com a pena capital. Tamburini acha-se na mesma situação que Gorki. Tal e qual como os grévistas fuzilados em Limoges se acham na mesma situação que os revolucionarios fuzilados em S. Petersburgo.

Ha só uma differença: Tamburini a estas horas pensa da Liberdade o mesmo que Gorki pensa da Autocracia. E isto prova que n'este mundo nunca ninguém teve mais razão que aquelle sargento instructor que explicava aos recrutas: «Meia volta á direita é exactamente o mesmo que meia volta á esquerda — com a differença que é exactamente o contrario».

VISCONDE DE SANTO THYRSO.

## Politica internacional

Não ha uma unica nação na Europa, póde affiançar-se sem receio de desmentido, onde no momento actual não esteja latente ou declarada uma crise politica.

Na Hespanha o segundo ministerio Villaverde começa a reproduzir, conforme a nossa prophacia n'este mesmo lugar não ha muito, exactamente a historia do primeiro. A mesma esterilidade go-



Semana Santa. — Em flagrante. — Pelas ruas

vernativa, as mesmas intrigas partidarias, a mesma impotencia para evitar o destino que implacavelmente o espera. Não tem maioria como a não tinha da primeira vez, e portanto está á mercê novamente do sr. Maura, que apparecerá no momento opportuno para o substituir, se o partido conservador tiver forças ainda para impôr á corôa uma nova situação. No entanto a crise espera apenas para se manifestar publicamente que o rei tenha realisado a viagem, que se não póde addiar por já estar annunciada, a menos que se não dêsse nas vespers da partida como aconteceu com o mesmo sr. Villaverde antes da visita de Affonso XIII a Portugal.

Mas de uma maneira ou outra, já ou quando o parlamento se abrir, a crise é certa e a queda do actual governo inevitavel.

Em França a crise politica, não ministerial, é dupla, porque além das questões internas, especialmente a da separação da Igreja do Estado, abrange tambem uma grave questão de politica internacional — a de Marrocos.

O problema da separação da Igreja do Estado parece não dever apresentar grandes difficuldades parlamentares, mesmo no Senado, onde não tardará a ser tratado. Não é por este lado que a questão póde occasionar qualquer crise politica. O perigo da medida começa em quanto a nós, depois de ella ter sido approvada pelas camaras e quando tenha de principiar a sua execução.

Não será a questão de principio, que levantará as difficuldades. A respeito d'esse ponto estão todos mais ou menos de accordo, libe-

raes e reaccionarios. Mas quando os catholicos tiverem de subsidiar da sua algebeira o culto, que agora teem de graça á custa do orçamento do Estado, porque esta é a natural consequencia da separação; quando Roma sentir que lhe faltam, por motivo da applicação local que vão ter, os milhões que de França iam todos os annos augmentar o thesouro pontificio, é então que a verdadeira crise começará e que deve ferir-se a batalha suprema entre a reacção e a liberdade. A votação da lei representa apenas a parte relativamente mais



Semana Santa. — Grupo de senhoras aris'ocraticas no largo de S. Roque

facil da tarefa. A pratica d'ella é o principal, e a este respeito nada mais eloquente como lição do que se deu com a applicação da lei do fallecido Waldeck-Rousseau sobre as congregações religiosas.

Ao lado do complicado problema interno da separação da Igreja do Estado surge n'este momento para a republica a grave questão de Marrocos, provocada pelo discurso de Guilherme II em Tanger. Já na revista anterior dissémos o bastante a respeito d'esta questão, tanto sob o ponto de vista da França como do da Allemanha. Só temos hoje a acrescentar, que diplomaticamente o incidente se encon-



Cleóbas Benoliel.

Semana Santa. — Em flagrante. — A' porta de S. Julião

tra no mesmo pé, o que, seria pueril querer occultar-o, não é'boa noticia para a França. Evidentemente o Kaiser [pretende] forçar o sr. Delcassé a ir a Canossa, e a campanha iniciada pela imprensa alemã pedindo a resolução da questão de Marrocos pelas potencias signatarias do tratado de Madrid não deixa de ser significativa. A França não póde ir além das declarações feitas pelo governo no Senado.

A Allemanha não quer tomar a iniciativa de negociações directas

com o governo francez a este respeito, e ao mesmo tempo vae enviando a Fez o conde de Tattenbach para tratar *directamente* com o Sultão, não se sabe bem o que. Como acabará tudo isto? O peor é que em Paris a situação do sr. Delcassé está cada vez mais comprometida, tanto que a proposito de uma questão de neutralidade pro-



Semana Santa. — Em flagrante. — A' porta do Loreto

vocada pela estada da esquadra do Baltico em agoas francezas no Indo-China, chegou a apresentar a demissão. No momento actual a sabida do ministro, que negociou o accordo anglo-francez, seria deploravel para o prestigio da França. Foi porisso, sem duvida, que a instancias do presidente da republica o sr. Delcassé retirou o pedido de demissão. Os dias, porém, do ministro dos negocios estrangeiros estão contados, e nada ha que o salve do destino que o espera em breve. Fashoda e Tanger é muito para um ministro só, com o intervalo apenas de alguns annos.

Na Hungria a crise determinada pelas ultimas eleições attingiu o estado agudo. Ha tres mezes que o conde de Tisza derrotado na urna pediu a sua demissão, e ha tres mezes que por falta de um governo



Semana Santa.  
Grupo de senhoras aristocraticas á porta da Sé

para o substituir continua á frente dos negocios publicos! E' um estado de cousas sem igual em paiz algum do mundo. E o peor para a monarchia dualista é que, dadas as actuaes intransigencias, não se vê a maneira de sahir da presente situação dentro da legalidade. A nova maioria, em que predomina o partido da independencia, não desiste

de impôr como condição *sine qua non* de apoio ao ministerio, que venha a formar-se, a adopção da lingua magyar para lingua do commando do exercito hungaro, que até agora tem sido commandado em allemão. Pelo seu lado o imperador, insatindo em que semelhante medida teria como inevitavel consequencia a desagregação do exercito austro hungaro, e importaria um profundo golpe vibrado á monarchia unida como grande potencia, recusa-se a aceitar essa condição. D'ahi a impossibilidade de se constituir ministerio. Todas as tentativas feitas pelo conde Andrassy e pelo doutor Wékérle tem fraccassado, e, depois de uma demorada estada em Budapest, o imperador voltou para Vienna sem nada ter resolvido. O que vae acontecer? Não se sabe. Parlamento e corôa parecem apostados em fechar os ouvidos á razão e caminham de olhos fechados para uma catastrophe certa. Demais este *interim*, em que se está ha tres mezes, é insustentavel. A camara não vota as leis constitucionaes, e dentro em pouco nem é possivel cobrar os impostos nem chamar ás fileiras do exercito o contingente annual. E quando este duplo facto certissimo vier a realizar se, uma soluçção, qualquer que ella seja, impõe-se como um caso de força maior. Dois expedientes de duvidoso resultado, ou antes de resultado contraproducente tem sido lembrados. Consiste o primeiro em nomear-se um ministerio apenas de negocios, sem côr politica definida, que deixasse *res integra* o ponto fundamental do dissidio, a vêr se com o tempo e a reflexão a questão por si propria se resolvia, ou ao menos amaceava as mais perigosas aspezas. Mas semelhante tentativa, a fazer-se, está de antemão condemnada a naufragar, porque a maioria não permitiria um dia unico de vida a esse ministerio. Por accordo previo das duas partes tinha probabilidades de exito. Como manobra da corôa para sahir das difficuldades presentes é irrealizavel.

O segundo expediente mais violento e por isso mesmo mais cheio de incertezas seria a dissoluçção da camara actual e um novo appelo aos eleitores. Mas quem não vê o perigo e a inefficacia de uma tal medida? A inefficacia, porque segundo todas as probabilidades voltaria á



Semana Santa. — A procissão de enterro em Belem

camara a actual maioria, mas mais irritada e por consequencia mais intransigente do que a actual. O perigo, porque a dissoluçção nas presentes condições crearia uma tal agitação no paiz, que o acto eleitoral podia muito bem ser o prologo de um movimento insurreccional em toda a monarchia de Santo Estevam.

Ha ainda uma terceira soluçção, mas a esta decerto não recorrerá Francisco José, muito embora ella tenha sido lembrada por alguns jornaes. Seria abolir pura e simplesmente o parlamento na Hungria, pelo menos durante um certo tempo, e assumir a corôa o poder absoluto, fazendo calar pela força qualquer protesto. Esta é a soluçção preconizada pelos circulos reaccionarios e anti-magyares de Vienna, que não admittem que se faça qualquer concessão aos hungaros e que os querem ver tratados como rebeldes insubmissos. São estas influencias austriacas, e até mesmo a influencia occulta da Allemanha, segundo se afirma sem reбуço em Pest, que animam a intransigencia do imperador, e que tornam portanto insolavel o conflicto.

Não se trata, com effeito, de simples divergencia ou mesmo da lucta entre um ministerio qualquer e a maioria da camara. A antinomia assumiu caracter mais profundo, e no momento actual e na phase a que a questão chegou trata-se nada menos do que de um duello entre a corôa e o parlamento, que talvez dentro em poucos dias se converta em incompatibilidade irreductivel entre a dynastia e a nação.

O peor é que além da embaraçosa situação que similhante crise cria no interior, além dos perigos e das incertezas de que ameaça a estabilidade da monarchia, este estado de cousas paralysa ainda a acção da Austria-Hungria no exterior, fazendo-lhe perder a opporrtunidade unica que se lhe apresenta de resolver a questão balkanica a seu favor por motivo da impotencia da Russia.

Além de que o conflicto austro-hungaro pode ter ainda um perigo para a paz geral, a que ninguém por ora alludiu mas que nem por isso é menos real. Não poderiam os circulos conservadores de Vienna, para tentarem sahir da presente situação, lançar a monarchia n'uma guerra exterior, contra a Italia, por exemplo, com a esperanza de perante o inimigo commum obrigar os hungaros a calar as suas exigen-

cias? Não seria a primeira vez que a historia apontaria uma aventura d'esta ordem.

N'outro ponto da Europa se debate tambem e continua até agora sem solução uma crise do mesmo genero. Referimo-nos ao conflicto entre a Suecia e a Noruega a proposito da creação de consulados independentes, que esta ultima nação exige e a que até agora a Suecia se tem opposto. Esta questão, que está apaixonando extraordinaria-



Cliché Henollel. Semana Santa  
Em flagrante. — No largo das Duas Igrejas

mente o publico da Escandinavia, chegou ali ao estado agudo, exactamente como na Hungria, e já deu causa á queda do governo norueguez e do governo sueco, e á verdadeira abdicación de facto do rei Oscar, o qual por motivo de allegada doença foi substituido no governo das duas nações pelo principe real na qualidade de regente. Os patriotas de Christiania começam a reclamar a independencia nacional, e o actual pacto da união está sendo rudemente atacado, tal qual como o compromisso de 1866 pelos húngaros.

CONSIGLIERI PEDROSO.

## O senhor Diabo

Conhecem o Diabo? Não serei eu quem lhes conte a vida d'elle. E todavia sei de cór a sua legenda tragica, luminosa, celeste, grotesca e suave!

O Diabo é a figura mais dramatica da Historia da Alma.

A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi elle que inventou os enfeites que enlanguescem a alma e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia em certos momentos da historia, o Diabo é o representante immenso do direito humano. Quer a liberdade e a fecundidade, a força e a lei.

E' então uma especie de Pan sinistro, onde rugem as fundas rebeliões da natureza. Combate o sacerdocio e a virgindade; aconselha ao Christo que viva e aos mysticos que entrem na humanidade.

E' incomprehensivel: tortura os santos, mas defende a igreja. No seculo XVI é o maior zelador da colheita dos dizimos.

E' envenenador. E' impostor, tyranno, vaidoso e traidor.

E todavia conspira contra os imperadores da Alemanha: consulta Aristoteles e Santo Agostinho e supplicia Judas que vendeu Christo, e Brutus que apunhalou Cesar.

O Diabo ao mesmo tempo tem uma tristeza immensa e doce. Tem talvez a nostalgia do céu!

Ainda novo, quando os astros lhe chamavam Lucifer, "o que leva a luz," revolta-se contra Jehovah, e commanda uma grande batalha entre as nuvens.

Depois tenta Eva, engana o propheta Daniel, apupa Job, tortura Sara e em Babylonia é jogador, palhaço, diffamador, libertino e carrasco.

Quando os deuses foram exilados, elle acama com elles nas flo-

restas humidas da Gallia e embarca expedições olympicas nos navios do imperador Constancio.

Cheio de medo diante dos olhos tristes de Jesus, vem torturar os monges do occidente.

Escarnecia S. Macario, cantava psalmos na igreja de Alexandria, offerencia ramos de cravos a Santa Pelagia, roubava as gallinhas do abbade de Clucy, espicaçava os olhos a S. Supplicio e á noite vinha, cansado e empoirado, bater á porta do convento dos dominiquinos em Florença e ia dormir na cela de Savonarola.

Estudava o hebreu, discutia com Luthero, lia attentamente a Biblia e vinha ao anoitecer para as encruzilhadas da Alemanha jogar com os frades mendicantes, sentado na relva sobre a sella do seu cavallo.

Intentava processos contra a Virgem: e era o pontifice da missa negra, depois de ter inspirado os juizes de Socrates.

Nos seus velhos dias, elle que tinha discutido com Attila planos de batalha, deu-se ao peccado da gula.

E Rabelais, quando o viu assim fatigado, engelhado, calvo, gordo e somnolento, apupou-o. Então o demonographo Vier escreve contra elle pamphletos sanguinolentos e Voltaire criva-o de epigrammas.

O Diabo sorri, olha em volta de si para os calvarios desertos, escreve as suas memorias e n'um dia nevoado depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas — os astros — morre enfatiado e silencioso.

Então Beranger escreve-lhe o epitaphio.

O Diabo foi celebrado, na sua morte, pelos sabios e pelos poetas. Procul ensinou a substancia. Presul as suas aventuras da noite. S. Thomaz revelou o seu destino, Torquemada disse a sua maldade e Pedro de Lanere a sua inconstancia jovial. João Dique escreveu sobre a sua eloquencia. Jacques I.º d'Inglaterra fez a corographia dos seus estados. Milton disse a sua belleza e Dante a sua tragedia. Os monges ergueram-lhe estatuas. O seu sepulchro é a natureza.

O Diabo amou muito.

Foi namorado gentil, marido, pae de gerações sinistras.

Foi querido, na antiguidade, da mãe de Cesar, e na meia idade foi amado da bella Olympia. Casou no Brabante com a filha de um mercador. Tinha entrevistas languidas com Fredegonda, assassinou duas gerações.

Era o namorado de frescas serenatas das mulheres dos mercados de Veneza.

Escrevia melancolicamente ás monjas dos conventos da Alemanha *Feminae in illius amore delectatae*, diz tragicamente o abbade Cesar de Heleubach. No seculo XVI tentava com olhares cheios de sol as mãos melodramaticas dos Burgraves. Na Escocia havia grande miseria sobre os montes: o Diabo comprava por 15 *shillings* o amor das mulheres dos *hygländers* e pagava-lhes com o dinheiro falso que fabricava em companhia de Philippe I, de Luiz VI, de Luiz VII, de Philippe o bello, do rei João, de Luiz XI, de Henrique II, com o mesmo cobre de que se faziam as caldeiras onde eram cozidos vivos os moedeiros falsos.

EÇA DE QUEIROZ.



O cardeal Ajuti

Antigo Nuncio de Sua Santidade em Lisboa

† em Roma a 28-4-1905

Os artistas que ainda vivem do antigo **GRUPO LEÃO**



Cliché de Arnaldo Fonseca

Os pintores Girão, Christino, Ramalho, Vaz e Malhõa. Falta Columbano que estava de nojo pela morte de seu irmão Feliciano Bordallo Pinheiro. Os artistas brindam os proprietários do Leão de Ouro pela inauguração da nova sala em cujas paredes figuram novas telas suas

# Batalhão de Caçadores n.º 1

A historia dos nossos regimentos e batalhões constitue uma das maiores consolações d'este paiz, porque em nenhum outro mais palpitante e quente vibra o sentimento do amor da patria do que n'este pedaço de terra, que é patrimonio de nossos antepassados e que nós desejamos manter a todo o custo livre para repouso dos nossos mortos e sacramento das nossas tradições e das nossas glorias.

E é no exercito que nós vamos encontrar rasgos de heroismo, bravuras de uma audacia nunca excedida, brilhantes abnegações e abençoados sacrificios em favor d'esse sentimento tão nosso, tão portuguez, tão arraigado e consubstanciado na nossa raça, que atravez dos seculos, e, não obstante a estreiteza d'esta faixa de territorio continental, nos tem dado força e alento para podermos manter livre e autonoma a nossa querida nacionalidade.

E as façanhas de caçadores n.º 1 vem do principio do seculo passado.

No Bussaco, na famosa batalha do Bussaco, honrou a farda do soldado portuguez e nobilitou a sua bandeira, tomou parte na acção de Fuentes d'Oñoro, passou a vau o rio

*Duas Casas* e defendeu tenazmente na margem opposta a posição da Aldeia do Bispo.

Em Salamanca, em Valladolid e Carrion foi sempre notavel a sua acção energica e valorosa.

N'este ultimo combate foi tão notavel a sua acção, cobriu-se tanto de gloria que o proprio marechal Beresford mandou na ordem do dia (17 de janeiro de 1813) fazer o seguinte elogio:

"D'este batalhão foi em tal conflicto ferido o proprio commandante, mais dez officiaes, feridos e mortos mais de metade da sua

força e em tão embaraçosa situação com tão boa ordem retirou, marchando imponente até á divisão de que fazia parte.

Entrou no 3.º sitio de Badajoz, assaltou e tomou a praça tendo-lhe cabido o ataque á obra exterior de Pandaberas onde se distinguio a tal ponto que mereceu um elogio especial na ordem do dia (8 de fevereiro de 1813).

Huerba e S. Muñoz, onde defendeu a passagem do rio Huerba, deteve e inutilisou os esforços do exercito francez, deram-lhe enesejo para que mais uma vez se distinguisse.

Foi dos primeiros corpos que pisaram o territorio francez depois de ter entrado no combate da passagem de Bidassoa, tomando parte ainda depois nas batalhas de Vivel e de Nive.

Fez parte das forças que sitiaram a praça de Bayona, terminando aqui os brilhantes feitos e assignalados serviços prestados na guerra da Peninsula.

Pela organização de 1837 foi criado em Abrantes o batalhão de caçadores n.º 3 e em 1842 passou a denominar-se caçadores n.º 8, o qual fez parte do exercito restaurador e em 1846 e 1847 entrou nas campanhas a favor de D. Maria II.

Em 1884 passou a denominar-se regimento de caçadores n.º 8 passando depois em 1899 a constituir o batalhão de caçadores n.º 12 do regimento de caçadores n.º 4.

Em 1901 foi organizado o actual batalhão de caçadores n.º 1 tendo sido os seus quartéis desde a sua fundação, Abrantes, Cruz dos Quatro Caminhos em Lisboa, Santo Ovidio no Porto, Penamacor, Leiria, Mafra, Beja, Elvas e novamente em Abrantes.

Taes são a traços geraes e muito ao de leve as paginas historicas que mais enobrecem o batalhão de caçadores n.º 1.



Tenente coronel Alfredo Xavier de Basto  
Commandante de Caçadores 1

## Vidros quebrados

— Homem cá para mim, isto de casamentos são cousas talhadas no céu. É o que diz o povo e diz bem. Não ha accordo nem conveniencia nem nada que faça um casamento quando Deus não quer...

Um casamento bom, emendou um dos interlocutores.

— Bom ou máu, insistiu o orador. Desde que é casamento é obra de Deus. Tenho em mim mesmo a prova. Se querem, conto-lhes... Ainda é cedo para o voltarete. Eu estou abarrotado...

Venancio é o nome d'este cavalheiro. Está abarrotado, porque elle e tres amigos acabava n de jantar. As senhoras foram para a sala conversar do casamento de uma vizinha, moça teimosa como trinta diabos, que recusou todos os noivos que o pae lhe deu, e acabou desposando um namorado de cinco annos, escripturario no Thesouro. Foi á sobremesa que este negocio começou a ser objecto de palestra. Terminado o jantar, a companhia bifurcou-se; ellas foram para a sala, elles para um gabinete, onde os esperava o voltarete habitual. Ahi o Venancio enunciou o principio da origem di-



Officialidade de Caçadores 1

Da esquerda para a direita, 1.º plano (sentados): — Tenente ajudante Córado — Capitão Pires — Capitão Santos — Tenente coronel Xavier de Basto — Commandante do batalhão, major Pinto — Capitão Gonçalves — Tenente medico Morrira.

2.º plano (de pé): — Alferes Basto — Alferes Penalva — Alferes Centeno — Alferes Oliveira — Tenente Silveira — Tenente Barata — Capellão Marques — Alferes Marques — Alferes Borges Junior — Mestre da banda Martins.

vina dos matrimonios, principio que o Leal, socio da firma Leal & Cunha, corrigiu e limitou aos matrimonios bons. Os máus, segundo elle explicou d'ahi a pouco, eram obra do diabo.

— Vou dar-lhes a prova, continuou o Venancio desabotoando o collete e encostando o braço no peitoril da janella que abria para o jardim. Foi no tempo da Campestre . . . Ah! os bailes da Campe-

ella. Afinal, soceguei e escrevi a Cecilia, perguntando se consentia que a tirasse por justiça. Cecilia respondeu-me que era bom ver primeiro se a mãe voltava atraz; não queria dar-lhe desgostos, mas jurava-me, pela luz que a estava allumiando, que seria minha e só minha . . .

Fiquei contente com a carta, e continuámos a correspondencia.



Banda de musica

tre! Tinha eu então vinte e dois annos. Namorei-me ali de uma moça de vinte annos, linda como o sol, filha da viuva Faria. A propria viuva apesar dos cincoenta feitos, ainda mostrava o que tinha sido. Vocês podem imaginar se me atirei ou não ao namoro . . .

— Com a mãe?

— Adeus! Se dizem tolices, calo-me. Atirei-me á filha; começamos o namoro logo na primeira noite; continuámos, correspondemo-nos; enfim estavamos ali, estavamos apaixonados, em menos de quatro mezes. Escrevi-lhe pedindo licença para falar á mãe; e com effeito, dirigi uma carta á viuva, expondo os meus sentimen-

A viuva, certa da paixão da filha, fez o diabo. Começou por não ir mais á Campestre; trancou as janellas, não ia a parte nenhuma; mas nós escreviamos um ao outro, e isso bastava. No fim de algum tempo, arranjei meio de vela, á noite, no quintal da casa. Pulava o muro de uma chacara vizinha, ajudado por uma boa preta da casa. A primeira coisa que a preta fazia era prender o cachorro; depois dava-me o signal, e ficava de vigia. Uma noite, porém, o cachorro soltou-se e veiu a mim. A viuva acordou com um barulho, foi á janella dos fundos, e viu-me saltar o muro, fugindo. Suppoz naturalmente que era um ladrão; mas, no dia seguinte, começou a



Grupo dos sargentos

tos, e dizendo que seria uma grande honra, se me admittisse na familia. Respondeu-me, oito dias depois, que Cecilia não podia casar tão cedo, mas que, ainda podendo, ella tinha outros projectos, e por isso sentia muito, e pedia-me desculpa. Imaginem como fiquei! Moço ainda, sangue na guelra, e demais, apaixonado, quiz ir á casa da viuva, fazer uma estralada, arrancar a moça, e fugir com

desconfiar do caso, metteu a escrava em confissão, e o demonio da negra poz tudo em pratos limpos. A viuva partiu para a filha.

— Cabeça de vento! peste! isto são cousas que se façam? foi isto que te ensinei? Deixa estar; tu me pagas, tão duro como osso! Peste! peste!

A preta apanhou uma sova que não lhes digo nada: ficou em sangue. Que a tal mulhersinha era das arabias! Mandou chamar o irmão, que morava na Tijuca, um José Soares, que era então comandante do 8.º batalhão da guarda nacional; mandou-o chamar, contou-lhe tudo, e pediu-lhe conselho. O irmão respondeu que o me-



Fachada do Quartel

lhor era casar Cecilia sem demora; mas a viuva observou que, antes de apparecer noivo, tinha medo que eu fizesse alguma, e tencionava retirar-a de casa, e mandal-a para o convento da Ajuda; dava-se com as madres principaes...

Tres dias depois, Cecilia foi convidada pela mãe a apromptar-se, porque iam passar duas semanas na Tijuca. Ella acreditou, e mandou-me dizer tudo pela mesma preta, a quem eu jurei que daria liberdade, se chegasse a casar com a sinhá-moça. Vestiu-se, pôz a roupa necessaria no bahú, e entraram no carro que as esperava. Mal se passaram cinco minutos, a mãe revelou tudo á filha; não ia leval-a para a Tijuca, mas para o convento, d'onde sahiria quando fosse tempo de casar. Cecilia ficou desesperada. Chorou de raiva, bateu o pé, gritou, quebrou os vidros do carro, fez uma algazarra de mil diabos. Era um escandalo nas ruas por onde o carro ia passando. A mãe já lhe pedia pelo amor de Deus que socegasse; mas era inutil. Cecilia bradava, jurava que era asneira arranjar noivos e conventos; e ameaçava a mãe, dava soccos em si mesma... Podem imaginar o que seria.

Quando soube d'isto não fiquei menos desesperado. Mas, reflectindo bem, comprehendi que a situação era melhor; Cecilia não teria mais contemplação com a mãe, eu podia tiral-a por justiça. Compreendi tambem que era negocio que não podia esfriar. Obtive o consentimento d'ella, e tratei dos papeis. Falei primeiro ao desembargador João Regadas, pessoa muito de bem, e que me conhecia desde pequeno. Combinámos que a moça seria depositada na casa d'elle. Cecilia era agora a mais apressada; tinha medo que a mãe a fosse buscar, com um noivo de encomenda; andava aterrada, pensava em mordças, cordas... Queria sahir quanto antes.

Tudo correu bem. Vocês não imaginam o furor da viuva, quando as freiras lhe mandaram dizer que Cecilia tinha sido tirada por justiça. Correu á casa do desembargador, exigiu a filha por bem ou por mal; era sua, ninguem tinha o direito de lhe botar a mão. A mulher do desembargador foi quem a recebeu, e não sabia que dizer; o marido não estava em casa. Felizmente, chegaram os filhos, o Alberto, casado de dois mezes, e o Jayme, viuvo, ambos advogados, que lhe fizeram ver a realidade das cousas; disseram-lhe que era tempo perdido, e que o melhor era consentir no casamento, e não armar escandalo. Fizeram-me boas ausencias; tanto elles como a mãe, affirmaram-lhe que eu, se não tinha posição nem familia,



Pelotão de cyclists -- Preparar para marchar

era um rapaz sério e de futuro. Cecilia foi chamada á sala, e não fraquejou: declarou que, ainda que o céu lhe cahisse em cima, não cedia nada. A mãe sahio como uma cobra.

Marcámos o dia do casamento. Meu pae, que estava então em Santos, deu-me por carta o seu consentimento, mas acrescentou

que, antes de casar, fosse vel-o; podia ser que até elle viesse commigo. Fui a Santos. Meu pae era um bom velho, muito amigo dos filhos e muito sisudo tambem. No dia seguinte ao da minha chegada, fez-me um longo interrogatorio acerca da familia da noiva. Depois confessou que desaprovava o meu procedimento.

— Andaste mal, Venancio; nunca se deve desgostar uma mãe...

— Mas se ella não queria?

— Havia de querer, se fosse com bons modos e alguns empenhos. Devias fallar a pessoa de tua amisade e da amisade da familia. Esse mesmo desembargador podia fazer muito. O que acontece é que vaes cisar contra a vontade da tua sogra, separas a mãe da filha, e ensinaste a tua mulher a desobedecer. Emfim, Deus te faça feliz. Ella é bonita?

— Muito bonita.

— Tanto melhor.

Pedi-lhe que viesse commigo, para assistir ao casamento. Reluctou, mas acabou cedendo; impoz só a condição de esperar um mez. Escrevi para a Côrte, e esperei as quatro mais longas semanas da minha vida. Afinal chegou o dia, mas veio um desastre, que me atrapalhou tudo. Minha mãe deu uma queda, e feriu-se gravemente; sobreveiu erysipela, febre, mais um mez de demora, e que demora! Não morreu felizmente; logo que poudes viemos todos juntos para a Côrte, e hospedámo-nos no hotel Pharoux; por signal que assistimos, no mesmo dia, que era o 25 de março, á parada das tropas no largo do Paço.

Eu é que não me pude ter, e corri a vêr Cecilia. Estava doente, recolhida ao quarto: foi a mulher do desembargador que me recebeu, mas tão fria que desconfiei. Voltei no dia seguinte, e a recepção foi ainda mais gelada. No terceiro dia, não pude mais e perguntei se Cecilia tinha feito as pazes com a mãe, e queria desfazer



Obras dos sapadores

o casamento. Mastigou e não respondeu nada. De volta ao hotel escrevi uma longa carta a Cecilia; depois rasguei-a, e escrevi outra, secca, mas supplicante, que me dissesse se deveras estava doente, ou se não queria mais casar. Responderam-me vocês? Assim me respondeu ella.

— Tinha feito as pazes com a mãe?

— Qual! Ia casar com o filho viuvo do desembargador, o tal que morava com o pae. Digam-me se não é mesmo obra talhada no céu?

— Mas as lagrimas, os vidros quebrados?

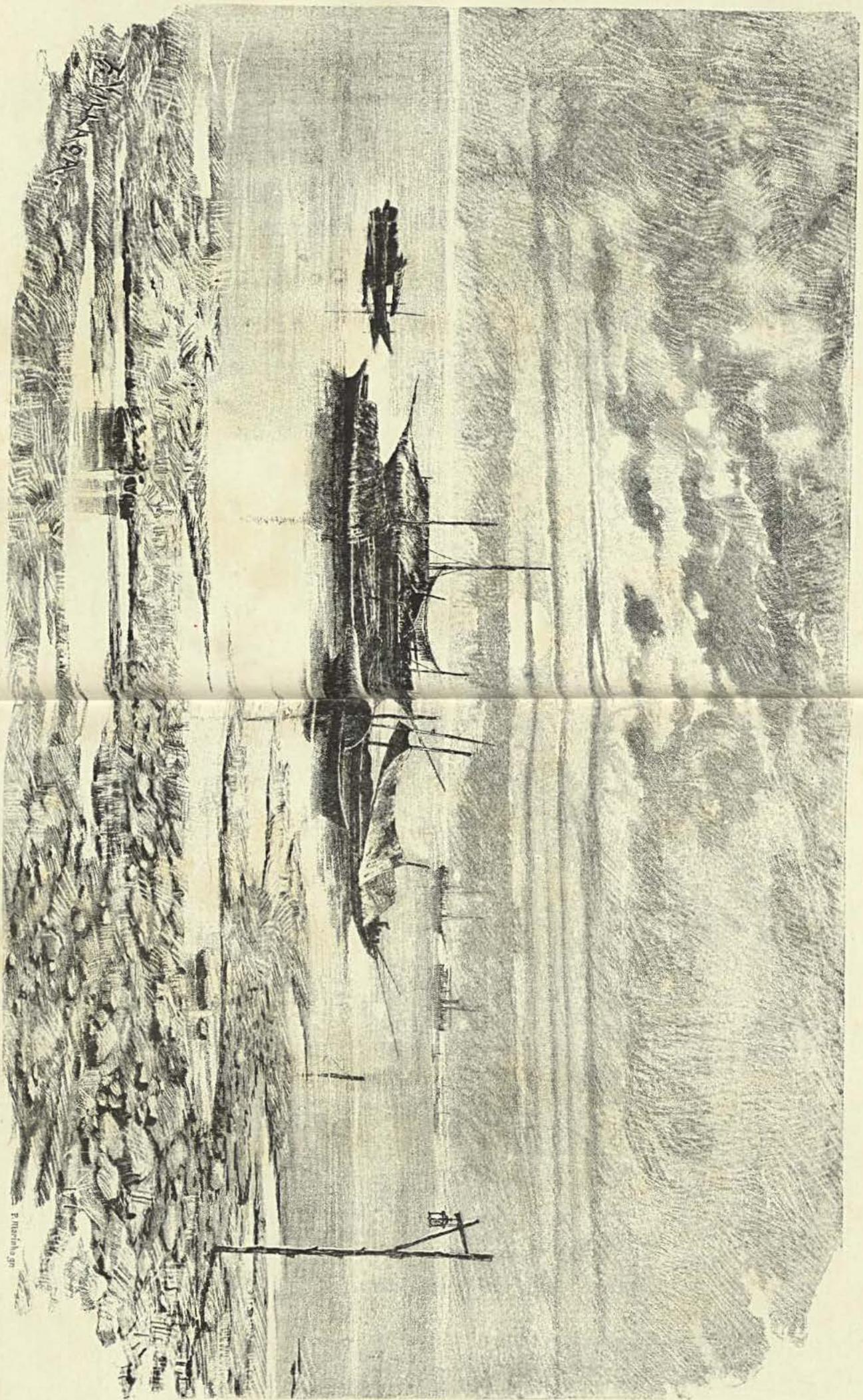
— Os vidros quebrados ficaram quebrados. Ella é que casou com o filho do depositario, d'ahi a seis semanas... Realmente, se os casamentos não fossem talhados no céu, como se explicaria que uma moça, de casamento prompto, vendo pela primeira vez outro sujeito, casasse com elle, assim de pé para a mão? E' o que lhes digo. São cousas arranjadas por Deus. Mal comparado, é como no voltarete: eu tinha uma licença em paus, mas o filho do desembargador, que tinha outra em copas, preferiu e levou o bolo.

— E' boa! Vamos á espadilha.

MACHADO DE ASSIS.

As cartas, para os ausentes,  
Tristes mensageiras são...  
Trazem saudades, se chegam:  
Levam penas, quando vão.

RIBEIRO DE CARVALHO.



Por do sol. — Desenho de R. Village

R. Village

# Princeza perdida



Naquella serena tarde de primavera, a princeza desceira com as pequeninas aias e a camareira-mór as escadas de marmore branco e de marmore roseo do sumptuoso palacio real.

Era n'uma cõrte de complicada pragmatica. Os movimentos eram feitos consoante regras antigas; cada passo, cada mesura, cada sorriso, vinham mareadas no grosso livro de um mordomo-mór colligira, a exemplo do que fizera um imperador bysantino.

Apesar d'isso, porém, na cõrte esplendida havia um pouco de mocidade. E detraz

dos leques de varetas rendilhadas, os labios abriam-se em sorrisos, os olhos fransiam-se, quando estava distante a seca, hirta, camareira mór.

Os bailes tinham solemnidade como os officios divinos; mas as cores frescas das raparigas, a ligeireza com que dançavam, a graciosidade que florescia nas suas attitudes rapidamente desmanchadas, logo substituidas, davam-lhes o ar de festas.

No grande palacio brilhante, as gentes andavam lentamente, como em precissão. No rosto do mais alegre era preciso espalhar-se, sombria, a tristeza que emagrecia a face pallida do rei. Era mister que ninguém perturbasse com o tenir fresco d'um sorriso a dôr real. Se alguma vez as donzellas deixavam passar o riso atravez das rendas finas dos seus leques, logo a camareira-mór intervinha, sevéra, a reprender. Nos tapetes morriam os sons dos passos; os grossos reposteiros abafavam o ruído das vozes. O silencio era eterno, como essa grande e aniquilladora magua que abotera a vigorosa mocidade do Rei.

Em tempo, o palacio vibrára com o clamor das festas; as musicas saltitantes riam nas amplas salias. Os vestidos claros, em cujos decótes os peitos brancos se mostram, sublinhavam a alegria. Um bobo pequenino e monstruoso punha um ebocallar de guiso em cada frase. E junto da Rainha, loira, pallida, delgada, o Rei tambem corria a olhar a flôr preciosa e fragil que pelo braço levava, em movimentos musicaes, como uma ave.

Junto á sua frescura luminosa, as joias pareciam flôres. E o diadema pesado, sobre os cabellos loiros, era como uma aureola maior n'essa cabeça fina.

Ella tambem sorria, olhando os olhos escuros do Rei. E pela bocca vermelha havia como um palpar de beijos. A festa continuava. Havia no ambiente claro de tantas luzes, tantas joias, tantos olhos contentes, uma alegria maior. Vaporizavam-se os movimentos. As rendas tremiam nos vestidos das mulheres, nos gibões de seda dos gentishomens. As conversas d'amor faziam arfar os seios. O Rei e a Rainha continuavam a sorrir-se, como dois amantes rusticos, que se encontram na vinha, por um suave outonno.

Uma noite, porém, a dôr entrou n'esse palacio claro. Ligeiros, para não fazer ruido, como sombras, os cortesãos, as damas d'honor, as aias, passavam, murmurando resas, ou trocando, baixinho, as impressões. Era como um ciejar leve da brisa sobre um campo de flôres. Os vultos cruzavam-se:

— Então?

— Na mesma...

— Impossivel salvar-se...

O fisico não atina com o remedio...

Era a Rainha, que, como certos asbustos que morrem, depois de florir, finava-se ao dar á luz a pequena princeza.

A dôr tragica e calada do moço Rei! Nem uma palavra se lhe ouviu da bocca crispada. Nem um grito na laetosa camara onde carpian as senhoras da cõrte. De joelhos junto do leito magnifico, onde se postára depois de ter cerrado os largos olhos garços, o Rei chorava em silencio. Os frades diziam monotonamente, como um esvoaçar de insectos, as resas rituaes. Um ou outro soluço, a desolação d'um ai, cortavam a funebre quietude; mas o rei, entre as suas mãos finas e amarellecidas da Rainha, não tinha um grito, nem uma palavra. Nos labios da morta ainda havia o sorriso, esboçado a olhar para o marido...

O Rei mandou retirar a todos do quarto. Quiz elle proprio vestir aquella que tanto amara. Beijou-lhe os olhos de palpebras azuladas, beijou os cabellos, que na imprecisa penumbra, tinham um brilho de ouro... Outra vez caiu de joelhos.

Então as palavras de dôr, abundantes, sahiram dos labios tanto tempo represos. Disse-lhe o grande amor e a grande magua. Prometteu-lhe viuvez eterna; que a sua alma se conservaria fechada, como um relicario, a guardar a imagem quasi divina da mulher primeira amada, unica...

Longo tempo se conservou, as mãos frias da morta entre as suas, no quarto silencioso, onde apenas os seus queixumes davam uma nota de vida. No lampadario já se extinguíam as luzes, que de quando em quando lançavam, altas, dentadas, labaredas azues e d'oiro.

A madrugada clara entrou pelas janellas, com um chilrear de passaros. A vida renascia, musical, na noite escura. No coração do Rei a dor fizera uma sombra eterna.

Entre os brandões acesos levaram o cadaver, vestidos por mãos mercenarias, que as do Rei nem tinham forças para o peso dos anneis...

Filas de bispos mitrados, graves e compungidos, seguiram o feretro atravez as ruas da cidade e por estradas risonhas, até o convento magnifico em cuja egreja jaziam todos os numerosos reis e rainhas da casa real; seguiram os fidalgos como seus escudeiros de lucto; seguiram, comovido, o povo, que pranteou a morte d'aquella que fora linda e nas ruas sorria ás eriancinhas pobres, que lhe pediam a benção...

Era uma comprida fila que se perdia nas coreôvas da estrada. As

confrarias e os conventos mandaram os irmãos e os frades, com as insinias. E áquelle radioso sol de agosto, que punha na atmospheria uma tremura, tudo resplandecia, como uma apothose. Brilhavam as lanças, brilhavam os ouros, brilhavam os báculos e sobretudo refulgiam as insólitas pedrarias dos bispos, caminhando magestosos e tristes. E o psalmejar dos padres, ouvido ao longe, perdia a nota de lamento: era como o ultimo echo d'um canto de victoria, no dia glorioso...

No palacio quasi deserto, o Rei ficára no quarta vazio. Como arredal-o de lá? De joelhos ainda, pensava ter entre as suas mãos os dedos finos da Rainha morta. De quando em quando um soluço parecia estalar a garganta. E as lagrimas desciam pela face, iam morrer na barba perfumada.

Olhava para o grande espelho, onde a Rainha costumava ageitar, á noite, os cabellos fartos. Lembrava-se de ter alli visto o gesto gracil, aquelle pó d'oiro, e o corpo que tinha a frescura e a elegancia d'uma flôr que vae a desbrochar. Porque não guardam os espelhos as imagens reflectidas? Teria alli, viva, a Rainha, na attitude de compor as sedas das suas tranças... Mas os espelhos deixam tudo escapar. Assim os lagos não guardam, no seio ligeiro, voluvel, o vôo curvo das pombas que fogem...

E para alli se quedava, vivendo do passado, como um velho... Que importava que as guerras na fronteira distante assolassem o paiz? Que tinha que os povos gemessem, que as catastrophes aluissem as cidades fulgentes ao luar e ao sol nas suas cathedraes preciosas, que os rios, saltando os leitos, invadissem as aldeias claras? Que importava a vida se elle só vivia da morte? Mergulhassem os outros no passado os olhos cubicosos e vissemos de tanto esplendor de batalhas e de riquezas que listrava de clarões a historia do reino afortunado! Na miseria presente, que se recordassem!

A propria princeza entre as mãos das açafatas, delicada e linda, ia vivendo, nos grandes olhos verdes, uma tristeza, como quem sabia... No palacio sevéro, lugubre sem os tenidos das alabardas e os mantos que formavam lagóas, nas alcantifas, ninguém se ria. E ella, a pequena princeza, não aprendera a rir e tambem não chorava.

Uma vez ou outra, ao atravessar silencioso e só as camaras, o Rei via a princeza; machinalmente as suas mãos pallidas passavam pelos cabellos loiros da filha. E seguia, taciturno, sempre diante de si a imagem d'aquella que morrera a sorrir e o esperava na cripta silenciosa do austero templo gothico.

Ensinavam as aias á princezinha, não relatos cruceis de contendas, nomes temidos dos reis seus avós, mas historias maravilhosas. Diziam-lhe que á noite os grandes calices das magnolias abriam-se com um ruido musical. E de dentro saíam cõrtes de fadas minusculas, vestidas com mantos tecidos com raios de luas cheias. Pelo parque andavam livremente entre as roseiras esplendidas... Contavam-lhe que á meia noite, as arvores se desprendem da terra e vão beber, como os gados, ás limpidas ribeiras. Ella sabia que entre si os animaes falavam, as andorinhas nos bicos dos telhados, os cienes brancos nas lagóas azues, os pavões sobre as arvores, quando espalmam as enjoadas caudas, as pombas brancas, á beira dos poços, sobre o marmore polido.

Conhecia os trabalhos ligeiros dos gnomos, que nas cavernas escuras trabalhavam o oiro e o ferro; distinguia os alfagemes, que afiam as espadas mortíferas, e os ourives, que afilagramam os metaes preciosos.

Diziam-lhe as lendas floridas dos amantes, de cujos tumulos saem roseiras carregadas de rosas, que n'um arco perfumado se abraçam a misturar os perfumes...

Mas a pobre princeza, apenas nubil, não conhecia a Vida, nem o Amor, nem o Riso.

Um dia, pois, a princeza, com as pequenas aias, desceu ao jardim do sumptuoso palacio.

Misterioso por tantas sombras, tantos caminhos que se contorciam por entre rugosos troncos, tantas aguas que cantavam nos marmores brancos, tantas flores que dentre a verdura perfumavam.

De socaleco em socaleco abriam-se, em leques, as escaedarias; saltavam as aguas das cascadeas, despenhavam-se as trepadeiras floridas, rastejavam as hervas, rosas de touear e jasmíns lançavam os ramos fragilis.

Junto ao palacio o jardim era cuidado, como uma cabeça garrida. As largas flores espargiam os aromas; os repuxos finos esguichavam fios de prata, pelas ruas arciadas passavam, magestosos os pavões solemnnes... Depois, começava a floresta. As altas arvores luctavam, entortilhadas, algumas subiam, magras como pedintes, n'uma aspiração, muito directas para o sol. Outras torciam-se; esta, sem forças, esgarçava-se mirrada. A hera creceia, vestia os troncos, até nas arvores secas vicejava, como uma masecra risonha n'uma face de morto. Alguns troncos de seculares carvalhos continham grutas escuras. E os passaros, dentre os galhos, ao ruido das passadas, levantavam vôo, alvorçados.

Era o «Caminho das Rosas», que alli levava. Rosas de toda a cõr; ensanguentadas, brancas, cõr de mel e de marfim, cõr de carne, rosas para florir peitos de danados e para tranças de primeiras commungantes, rosas que abrem chagas no verde das roseiras, outras que chamam beijos, como côlos nus em festas illuminadas, rosas que têm toda a pureza d'uma noiva, outras toda a garridice d'uma amante, rosas para tumulos, brancas, mortas quasi, rosas cheias de vida, que pareciam querer saltar das hastes, e offerecer-se, lascivas.

Vinha do seu conjunto um perfume entontecedor. Por tanto aroma lançarem no ar, nas noites quentes de agosto, algumas damas da cõrte caíam, em deliquio. E todas tinham medo d'aquelle portico encantado, que parecia abrir para um paraíso, mas que podia descer a algum abismo.

Foi para ali, que, correndo atraz d'uma borboleta, se dirigiu a prin-

ceza. Em vão lhe prenderam as vestes de seda os espinhos das roseiras, em vão a chamaram as pequenas aias; mesmo foi de balde que a voz secca da camareira-mór gritou por ella, entre respeitosa e auctoritaria. A princeza, a rir, córada, continuava atraz da grande borboleta, deixando tiras de seda nos galhos em flôr que, sacudidos, lançavam sobre a sua cabeça petalas finas.

Ninguém, contudo, se atreveu a ir atraz d'ella.

Corria no palacio e na cidade uma lenda extranha sobre a floresta, que continuava o jardim, depois do perfumado «Caminho das Rosas.»

Dizia-se que n'uma epoca remota, no tempo em que pela cidade luminosa e culpada ainda passavam os santos ensinando a Lei e edificando as gentes, governava o reino uma rainha pagã. No jardim murmuroso e claro, havia fremitos de beijos. Nas aguas dos tanques brilhavam corpos ligeiros. Nas sallas que as tochas e os lampadarios illuminavam, mulheres quasi nuas dançavam levemente ao som de musicas alegres. E o vinho levava das taças lavradas ás bocças vermelhas, a alegria e o Amor.

Por toda a parte havia flores, havia risos, havia festas. Os cavalleiros, nas justas, paravam; morriam as scintillas em que ardem as espadas no choque dos combates, e das bocças frescas saiam vozes a cantar a formosura das florestas, a elegancia das mulheres, a limpeza das aguas cantantes.

Um dia, um santo bispo entrou, andrajoso e cansado, a pedir pousada; a rainha, ao vel-o tão miseravel, mandou-o recolher no canil, com os creados das matilhas. Os cães, piedosamente, foram lamber os pés em sangue do santo homem.

Mas a Rainha não o quiz receber. Como de S. João Baptista, as palavras subiam para as festas, asperas e condemnatorias. Toda a noite a sua voz rude annunciava o castigo.

A Rainha, cansada de ouvir a voz rouca, mandou-o açoitar e expulсар do palacio, em que renasceu a alegria. Mas durou pouco, porque um dia, uma lingua de fogo saiu da terra, e agitou-se no ar, de sangue e oiro; espavorida, toda a cõrte fugiu, para não mais voltar, para a floresta misteriosa, que ninguem sabia ao certo aonde acabava.

E todo o reino teve medo, como d'um inferno, d'essa floresta que começava por uma extranha floração de rosas e terminava porventura pelos eternos gelos, pelas labaredas, talvez...

Por ali seguira a princeza, a rir-se. Em vão o Medo guardou durante seculos a misteriosa entrada. Em vão as rosas se agitaram, como turbidos, para a entontecer com o perfume, e os galhos a prenderam, e os espinhos lhe rasgaram as rendas e as sedas. Foi correndo. A borboleta enorme, parecia uma joia a fugir por entre as flores. A princeza era como uma ave, delgada e linda, atraz d'ella.

Subitamente a paisagem modificou-se. Do dia glorioso que estava no jardim do palacio, nasceu um crepusculo doirado, como um velho damasco amarello.

A luz parecia um convalescente a rir-se por cima das arvores, pelos tanques quietos, pelos marmores. E as folhas das arvores tremiam fazendo brilhar os filamentos d'oiro. As flôres tinham todas um aroma ligeiro, como os frascos de perfumes, que durante longos annos se guardam, vasillos, nos armarios fechados. Eram brancas todas as rosas e petalas enrugadas, como pelles finas de velhas, que viveram nos claustros, entre cosmeticos.

Quando a princeza deu pela mudança da lua e da paisagem lembrou-se da lenda pavorosa que afastava as gentes da floresta e do Caminho das Rosas.

— Onde estão as linguas avidas do fogo? perguntava-se. Onde os gelos que prendem e matam? Onde os dragões?

A paisagem era toda serena e d'um riso triste. Dir se-iam anemicas as flôres palidas, as anemomas de seda velha, de cera transparente, que por toda a parte deixavam cair, de cançadas, as petalas finas. E nos caminhos a areia preta era cruzada pelos veios das hervas rasteiras, coberta pelos galhos dos arbustos, aqui sacudiam-se rosas, alem os geranios cor de rosa. Pelos troncos direitos das arvores a hera enroscava-se, a subir. Nos laços dos tanques, dormiam os nenuphars. Nos marmores dos poços as trepadeiras cobriam os lavores. Havia um silencio leve por onde perpassava o espirito d'um canto, como um aroma que a brisa traz de longe.

Os templos tinham as portas abertas. A princeza para elles entrou, a medo, a espreitar, afastando os loureiros e os mirtos, que quasi fechavam a entrada.

Ninguém. Apenas os deuses de marmore calmos, esperavam as oferendas. Mas as aras dos sacrificios tinham humidade da lavagem recente. As cinzas eram quentes; no templo d'uma deusa havia grinaldas de rosas e penas de pombas brancas soltas pelo chão.

Alguem alli vivia, pensava a princeza. Mas quem? Genio malfazejo, que a mataria, ou fada carinhosa? Seria ali que nas noites claras vinham passar as cõrtes sumptuosas que moram nos calices das magnolias?

Habituada ao silencio sombrio da cõrte não a inquietava aquelle silencio leve. E continuava a explorar a encantada floresta, onde parecia agitar-se um simulacro de vida.

Como um coração que vive da saudade dos tempos remotos, assim ali parecia existir a repercursão d'uma vida antiga. A cada passo a princeza encontrava signaes de sandalias, flores cortadas, uma fita, indicios de vida. Mas d'onde partiam? Quem os deixava?

Viveria ali, n'aquelle paiz de luz anemica, uma cõrte de feiticeiras tragicas, que esperam, para sair das cavernas, as badaladas lugubres da meia-noite? Mas não. As feiticeiras escolhem as montanhas altas e escarpadas onde chegue o canto soturno do mar revoltado, sem arvores que impeçam o vôo incendiario das blasphemias e das imprecações para o ceu sem lua e sem estrellas.

Ja caminhando a princeza. Via ribeiros claros que escorregavam sobre seixos brancos; lagôas azues, fachadas de templos, quincurcios bordados por buxos altos. E as ruas seguiam entre filas d'altas arvores formando tunel, até serem cortadas por novas ruas, com arvores ou flores.

Cançou-se a pequena princeza. Um vago terror a invadiu. Quiz regressar ao palacio, mas não podia. As ruas d'arvores, os templos, os ribeiros, as estatuas, succediam-se. Parecia-lhe estar n'um complicado labirinto. Como conseguir o magico fio?

Uma noite, que parecia artificial, espalhara-se pelo ceu e envolvia as coisas. A tonalidade doirada, succedia uma tonalidade branca, como se tudo fosse feito de prata. A princeza seitou-se n'um banco, a chorar.

Ouviu de longe como um passar de brisa leve por harpas suspensas em arvores. Escutou. Era um canto que um côro fazia subir, ligeiro como um fumo. Mais se approximava. As vozes eram cançadas mas limpidas. Cantavam a vida e as festas, o rir das flôres, a alegria das arvores na primavera.

Cada vez se approximavam mais. Dirigiam-se, certamente, para o sitio onde ficara a princeza, um jardim junto d'um templo de marmore verde.

Já via as canephoras com açafates de flores, seguidas pelas escravas com tamboretos; depois a numerosa theoria das mulheres, com archotes, que, ao queimar-se, illuminavam e perfumavam. Não havia homens. Certamente que vinham para a festa atheniense das Thesmophorias.

Eram as habitantes da floresta. Caminhavam lentamente, as cunharias fluctuantes, sobre as tunicas amarellas. As hidrophoras traziam as urnas na cabeça. N'um gesto gracioso, seguravam-as com uma das mãos; os braços nus eram tão brancos como os marmores transparentes das urnas.

Quando viram a princeza, medrosa a esconder-se entre as arvores, a procissão parou, as vozes caíram-se, a meio do canto.

Em voz baixa concertavam entre si a resolução a tomar. A princeza ouvia apenas um *bourdonnement* confuso, como os das abelhas, quando, nos dias quentes se cruzam nos jardins feridos. Colada a um tronco, palida como um ex-voto de cera, viu com pavor approximar-se d'ella uma das habitantes da floresta. Era porém, tamanha a sua beleza e a sua gracilidade, que o medo tombou do espirito da princeza. Pensava-se ver uma haste florida a andar. Vagarosa, os seus gestos curvos e lentos pareciam fazer nascer no ar quieto uma harmonia...

— Perdi-me aqui! Perdime aqui!

— D'onde vens?

— Do palacio. Sou a princeza. As minhas aias não se atreveram. Eu corri para apanhar uma borboleta. A borboleta fugiu. Fiquei sem saber onde estava, que caminho tomar. Isto é tão lindo! Mas faz tanto medo não se saber onde se está!

— E queres voltar? Deixaste teu pae e tua mãe?

— Minha mãe morreu. Meu pae não o vejo... quasi nunca. E' um velho triste e duro, que não fala... Tento medo da camareira-mór. E as aias estão a chorar ás escondidas d'ella como sempre... A vida é triste, triste, no palacio...

— Preferes ficar comnosco?

A boca fina pareceu sorrir-se. A princeza olhava para as mais que se tinham acercado. Eram todas lindas e moças, mas sem frescura, como as rosas que abrem pelas chuvas e ventanias.

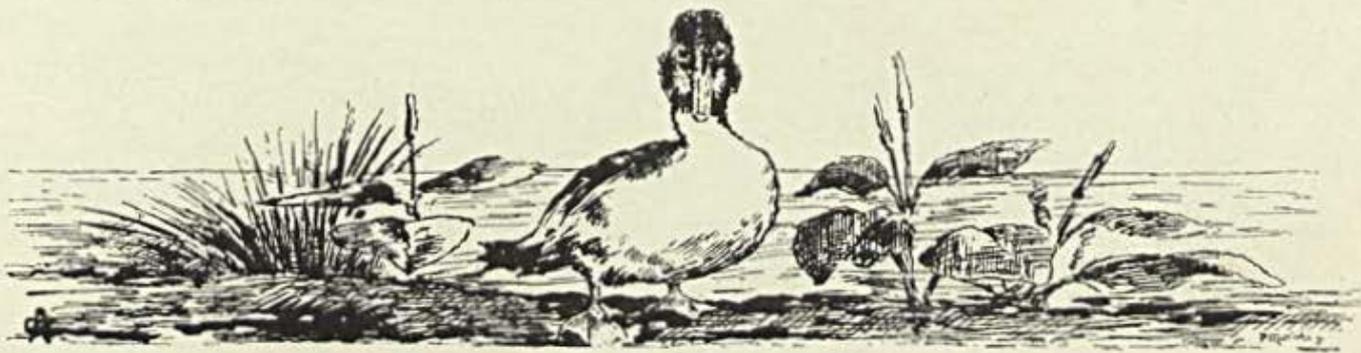
— Se me quiserem. Se me quiserem.

— Pois ficarás! Ficarás! Vem comnosco!

Poz-se em marcha o cortejo, novamente. Entraram no templo com a princeza.

E a princeza ali ficou, porque nos rostos se conservava a mocidade e não havia a flôr, nem o constrangimento. Tudo era claro e sereno. E não voltou mais ao palacio, onde as aias choravam e a camareira-mór, secca e hirta, tinha uma voz esganiçada e auctoritaria.

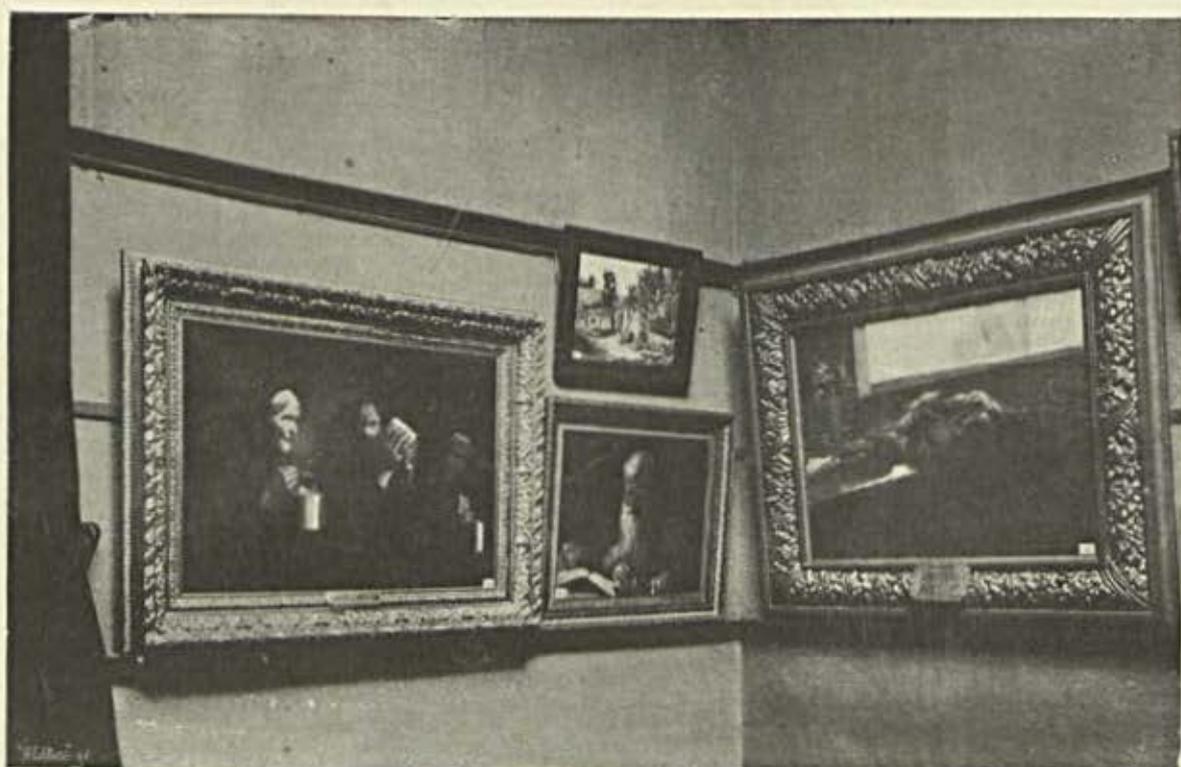
HENRIQUE DE VASCONCELLOS.



# A ultima Exposição na Real Academia de Bellas Artes de Lisboa



Aspecto da sala onde está o pastel de S. M. El Rei



Aspecto de outra sala